



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PEDAGOGIA BILÍNGUE

GRAZIELA APARECIDA DE ABREU

LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA SURDA: A IMPORTÂNCIA DA
ESCRITA DE SINAIS, SIGNWRITING NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC – Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Graziela Aparecida de Abreu

Matrícula: 20221090080208

Título do Trabalho: LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA SURDA: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DE SINAIS, SIGNWRITING NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 16/03/2026.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



Documento assinado digitalmente
GRAZIELA APARECIDA DE ABREU
Data: 16/03/2026 09:10:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

GRAZIELA APARECIDA DE ABREU

LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DA CRIANÇA SURDA: A IMPORTÂNCIA DA
ESCRITA DE SINAIS, SIGNWRITING NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilingue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia Bilingue, desenvolvido na linha de pesquisa Língua(gem), Educação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Waleria Batista da Silva Vaz Mendes

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A162 Abreu, Graziela Aparecida de
Linguagem, alfabetização e letramento da criança surda: a importância da escrita de sinais, signwriting no processo de aprendizagem. / Graziela Aparecida de Abreu. - Aparecida de Goiânia, 2026.
47 f. Il.

Orientadora: Dra. Waléria Batista da Silva Vaz Mendes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2026.

1. Criança surda. 2. Língua de sinais. 3. Escrita de sinais. 4. Educação bilíngue. 5. SignWriting. I. Título.

CDD 371.912

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte Peixoto CRB 1/2746

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA SURDA E O PAPEL DA ESCRITA DE SINAIS NA ALFABETIZAÇÃO E NO LETRAMENTO**, sob orientação de Waleria Batista da Silva Vaz Mendes, apresentado pela aluna **Graziela Aparecida de Abreu (20221090080208)** do Curso **Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **20:30** do dia **11/02/2026** pela Professora presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Waleria Batista da Silva Vaz Mendes** (Presidente)
- **Diego Leonardo Pereira Vaz** (Examinador Interno)
- **Carlos Henrique de Sousa Franca** (Examinador Interno)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pela aluna, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Waleria Batista da Silva Vaz Mendes** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Carlos Henrique de Sousa Franca**, em **13/02/2026 12:01:33** com chave **e2a58e7e08ec11f1992b005056a537a4**.
- **Diego Leonardo Pereira Vaz**, em **12/02/2026 17:21:55** com chave **79a335c6085011f1a465005056a537a4**.
- **Waleria Batista da Silva Vaz Mendes**, em **12/02/2026 14:20:44** com chave **29c58b4e083711f19553005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 20/02/2026

Código de Autenticação: a6e3b7



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela dádiva do sopro da vida e por me conceder forças, saúde e perseverança para chegar até aqui. Nada teria sido possível sem Sua presença constante em minha caminhada.

Ao meu filho, Andrew, que mesmo à distância sempre me incentivou, acreditou em mim e foi motivo diário para que eu não desistisse. Seu apoio foi essencial.

À minha mãe, por me “cobrar” a formatura e, com isso, me impulsionar a não mais protelar esse sonho. Ao meu pai, que hoje não se faz presente fisicamente, mas permanece vivo em espírito, guiando e fortalecendo meus passos.

Aos meus irmãos Marco, Andreia e Adriana, e aos meus sobrinhos Carol, Miguel, Ana Clara, Larissa e Samuel (sobrinho-neto), por compreenderem minhas ausências e por mostrarem que a família, mesmo distante, é a base de tudo.

À minha irmã de alma, Eliane, que partiu cedo demais, mas que foi minha maior incentivadora para retomar os estudos. Sua presença permanece viva em minha história e em cada conquista. À sua família, que, mesmo diante da dor da perda, me acolheram com tanto carinho, fazendo com que eu me sentisse pertencente.

À Ronice, amiga que ganhei por meio da Eliane, por estender a mão em um momento em que precisei. Minha gratidão será eterna.

Ao Clark, que tem sido presente nos meus momentos mais importantes.

À equipe de professores e servidores administrativos do Câmpus, em especial à Etevalda e à minha orientadora, Waléria, que, diante de tantas adversidades, não permitiram que eu desistisse e acreditaram em mim quando, muitas vezes, eu mesma duvidei.

À minha turma de 2022, que começou grande e, aos poucos, foi se transformando ao longo do caminho. Mesmo aqueles que precisaram seguir outros rumos permanecerão sempre comigo.

E, de forma muito especial, à minha parceira, companheira e dupla de todos os trabalhos, Andréia. Foram quatro anos caminhando juntas, uma segurando a mão da outra. Dessa parceria nasceu uma amizade que levarei para a vida.

A todos vocês, minha eterna gratidão.

Epígrafe

“Os saberes surdos vêm a acrescentar e modificar o projeto curricular em função do desenvolvimento da pessoa surda” (Stumpf 2021, p.225).

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da língua de sinais e da escrita de sinais no desenvolvimento linguístico e educacional da criança surda, com ênfase no contexto da educação bilíngue. A pesquisa parte da seguinte problemática: de que forma o acesso à língua de sinais e à sua escrita contribui para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e para o processo de aprendizagem da criança surda, especialmente no que se refere à alfabetização e à produção textual? O objetivo geral do estudo consiste em compreender o papel da língua de sinais e da escrita de sinais como instrumentos mediadores do pensamento e da aprendizagem da criança surda. Como objetivos específicos, busca-se: analisar a relação entre a criança surda e a linguagem; discutir a importância da Libras para o desenvolvimento infantil; compreender o processo de aquisição da linguagem pela criança surda; e investigar a escrita de sinais, especialmente o *SignWriting*, como recurso pedagógico no contexto da educação bilíngue. O referencial teórico fundamenta-se, principalmente, nas contribuições de Stumpf (2005), que discute a escrita de sinais e suas implicações no desenvolvimento linguístico da criança surda, além de autores que abordam a surdez sob a perspectiva sociocultural e a educação bilíngue. A língua de sinais é compreendida como primeira língua da criança surda, enquanto a língua portuguesa escrita é considerada segunda língua, devendo ser ensinada de forma mediada e respeitosa às especificidades linguísticas desse público. A metodologia adotada caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico, baseada na análise de produções acadêmicas, especialmente a tese de Stumpf (2005), além de livros e artigos científicos relacionados à temática da educação de surdos, linguagem e escrita de sinais. Os resultados indicam que o acesso à língua de sinais desde os primeiros anos de vida é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança surda. Evidenciam-se, ainda, contribuições significativas da escrita de sinais para a organização do pensamento, a produção textual em língua de sinais e a consolidação de uma base linguística sólida, que pode favorecer o aprendizado da língua portuguesa escrita. Conclui-se que a escrita de sinais não substitui o ensino do português, mas atua como um importante suporte pedagógico, fortalecendo a educação bilíngue e ampliando as possibilidades de inclusão educacional da criança surda.

Palavras-chave: criança surda; língua de sinais; escrita de sinais; educação bilíngue; *SignWriting*.

ABSTRACT

This study discusses the importance of sign language and sign language writing in the educational development of deaf children, focusing on bilingual education. The research addresses the following question: how does access to sign language and its writing contribute to the learning process of deaf children, especially in literacy and text production? The general objective of this study is to understand the role of sign language and sign language writing in the learning of deaf children. The specific objectives are to analyze the relationship between deaf children and language, to discuss the importance of Brazilian Sign Language (Libras) for child development, and to examine the use of SignWriting as a pedagogical resource in bilingual education. The theoretical framework is based mainly on Stumpf (2005) and other authors who discuss deaf education, sign language, and bilingual education. Sign language is considered the first language of deaf children, while written Portuguese is taught as a second language. The methodology adopted is qualitative bibliographic research, based on the analysis of academic texts related to the theme. The results indicate that early access to sign language is essential for the learning and linguistic development of deaf children. The study also shows that sign language writing helps children organize ideas, produce texts in their own language, and better understand written language. It is concluded that sign language writing supports bilingual education and contributes to a more inclusive educational process for deaf students.

Keywords: deaf child; sign language; sign language writing; bilingual education; SignWriting.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A CRIANÇA SURDA E A LÍNGUA DE SINAIS	17
2.1	A criança surda e a linguagem	17
2.1.1	A surdez sob a perspectiva sociocultural	19
2.1.2	A importância da língua de sinais para o desenvolvimento infantil	19
2.2	Aquisição de linguagem pela criança surda	21
2.2.1	As diferenças entre aquisição da língua oral e da língua de sinais	22
2.2.2	O papel do <i>input</i> visual na aprendizagem	22
2.2.3	A criança surda como sujeito ativo no processo linguístico	23
2.3	A Língua Brasileira de Sinais	24
2.3.1	Conceito e Característica da Libras	24
2.3.2	Aspectos linguísticos da Libras	25
2.3.3	A Libras como a primeira língua da criança surda	25
3	HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE SINAIS	26
3.1	A necessidade de uma escrita para a língua de sinais	26
3.1.1	Limitações do uso exclusivo da escrita da Língua Portuguesa	27
3.1.2	A escrita e o registro da cultura surda	28
3.2	Breve história da escrita de sinais	28
3.2.1	Primeiras tentativas de registro das línguas de sinais	29
3.2.2	Sistema de notação de sinais	29
3.3	O Sistema <i>SignWriting</i>	30
3.3.1	Origem do <i>SingWriting</i>	31
3.3.2	Escrita sinais como instrumento pedagógico e alfabetização da criança surda	34
4	ESCRITA DE SINAIS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	35
4.1	A escrita de sinais no desenvolvimento cognitivo	35
4.1.1	Produção de textos em língua de sinais	36
4.1.2	A escrita de sinais na educação bilíngue	39
4.2	Exemplos de <i>SignWriting</i>	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A educação da criança surda, historicamente, esteve marcada por práticas pedagógicas que desconsideram sua língua natural e sua forma própria de comunicação. Durante muitos anos, a surdez foi compreendida sob uma perspectiva médico-clínica, o que resultou na valorização exclusiva da oralidade e na tentativa de adaptar a criança surda aos padrões da comunidade ouvinte. Nesse contexto, as línguas de sinais foram proibidas ou marginalizadas, causando prejuízos significativos ao desenvolvimento linguístico, cognitivo e social das crianças surdas.

Com o avanço dos estudos linguísticos e das ciências cognitivas, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas como línguas completas, com estrutura gramatical própria, capazes de expressar conceitos abstratos, sentimentos e pensamentos complexos. A partir desse reconhecimento, surge a proposta da educação bilíngue para surdos, na qual a Língua Brasileira de Sinais, Libras (Lei nº 10.436/2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, sendo um sistema linguístico de natureza visual-motora), é considerada a primeira língua da criança surda, enquanto a língua portuguesa escrita é ensinada como segunda língua. Na educação bilíngue para surdos, a Libras é considerada a primeira língua (L1), pois corresponde à língua natural da criança surda, adquirida por meio da modalidade visual-espacial. Já a língua portuguesa, na modalidade escrita, é ensinada como segunda língua (L2), respeitando as especificidades linguísticas do sujeito surdo.

Apesar desses avanços, a prática educacional ainda enfrenta muitos desafios, especialmente no que se refere à alfabetização e ao letramento da criança surda. Grande parte das dificuldades está relacionada ao fato de que a escrita ensinada nas escolas é, em geral, a escrita da língua oral, o que exige da criança surda a aprendizagem de uma língua que não corresponde à sua experiência linguística natural. Esse cenário evidencia a necessidade de estratégias pedagógicas que respeitem a língua de sinais e favoreçam a aprendizagem significativa.

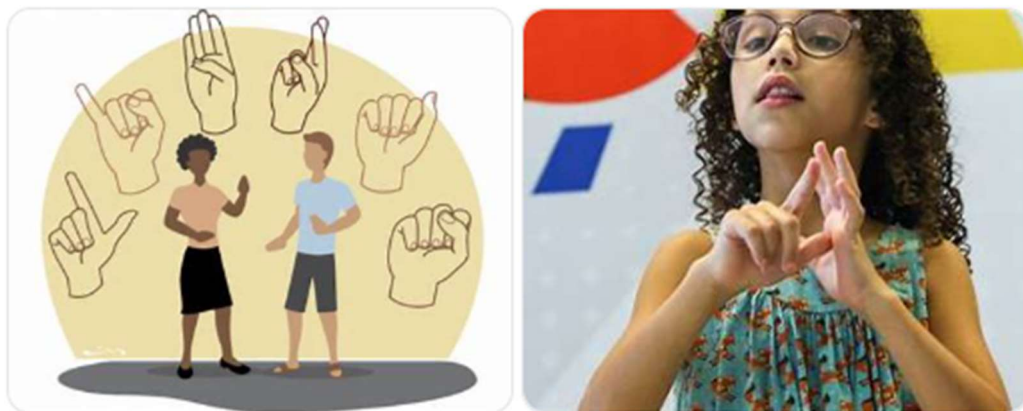
A escolha do tema justifica-se pela importância da escrita de sinais no processo educacional da criança surda. A escrita de sinais, por meio do sistema *SignWriting*, possibilita que a criança registre graficamente sua própria língua, sem depender da mediação da língua oral. Conforme aponta Stumpf (2005), escrever em língua de

sinais permite à criança surda organizar o pensamento, produzir textos e desenvolver habilidades de leitura e escrita de forma mais significativa.

Além disso, a escrita de sinais contribui para o fortalecimento da identidade surda e para o registro da cultura surda, aspectos historicamente negados à comunidade surda. Ao permitir que a criança escreva aquilo que sinaliza, o *SignWriting* amplia as possibilidades de participação ativa no processo de aprendizagem, favorecendo a autonomia e a construção do conhecimento.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como um elemento fundamental para a comunidade surda, pois permite a comunicação, a expressão cultural e o fortalecimento da identidade das pessoas surdas. Além disso, a língua de sinais desempenha um papel essencial no desenvolvimento social e cultural desses indivíduos, contribuindo para sua inclusão e participação ativa na sociedade.

De acordo com Alves e Paixão (2018), a Libras representa um elemento central na constituição da cultura surda, pois por meio dela os indivíduos compartilham experiências, conhecimentos e valores dentro da comunidade surda. Assim, a língua de sinais não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de identidade e pertencimento social.



Fonte: ALVES, Maria; PAIXÃO, Ana. *Estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais e cultura surda*. 2018. apud OLIVEIRA FILHO, José; ALVES, Maria. *Libras em suas modalidades: artefato linguístico da comunidade surda*. 2019.

Figura 2 – Alfabeto manual em Libras



Fonte: Adaptado de materiais educativos sobre o alfabeto em Libras.

Outro fator relevante é que a escrita de como sinais como pode atuar, considerando as dificuldades enfrentadas pela criança surda no processo de alfabetização e letramento quando a escrita está restrita à língua portuguesa, sendo assim, surge a seguinte questão norteadora:

De que forma a escrita de sinais pode contribuir para o processo de aquisição da linguagem e para a educação da criança surda?

Esse problema de pesquisa busca compreender se a escrita de sinais, enquanto registro gráfico da língua de sinais, pode favorecer o desenvolvimento linguístico, cognitivo e educacional da criança surda, ampliando suas possibilidades de aprendizagem e de expressão. Além disso, a escrita de sinais configura-se como um importante apoio no ensino da língua portuguesa escrita, auxiliando a criança surda na compreensão de textos e no processo de transição entre as duas línguas. Dessa forma, o estudo da escrita de sinais torna-se fundamental para repensar práticas pedagógicas e contribuir para uma educação mais inclusiva, que respeite as especificidades linguísticas da criança surda.

Temos como objetivo geral, analisar a importância da escrita de sinais no processo de aquisição da linguagem e na educação da criança surda, considerando suas contribuições para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e educacional.

Já como objetivos específicos podemos relacionar:

- Compreender o processo de aquisição da linguagem da criança surda a partir da língua de sinais;
- Apresentar a escrita de sinais e sua história como forma de registro das línguas de sinais;

- Descrever o sistema *SignWriting* e suas principais características;
- Refletir sobre a escrita de sinais como instrumento pedagógico no contexto da educação bilíngue;
- Discutir as contribuições da escrita de sinais para o desenvolvimento da leitura e da escrita da criança surda.
- Essa é uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e caráter exploratório. A escolha dessa metodologia justifica-se pela necessidade de compreender, analisar e refletir sobre a importância da escrita de sinais no processo educacional da criança surda, a partir de estudos já realizados na área da educação de surdos e da linguística das línguas de sinais.

O principal referencial teórico utilizado neste trabalho é a tese de doutorado de Marianne Rossi Stumpf (2005), intitulada *“Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting: Línguas de Sinais no Papel e no Computador”*, que aborda o processo de aquisição da escrita de sinais por crianças surdas, tanto em atividades manuscritas quanto no uso de recursos tecnológicos. Além dessa obra, foram utilizados documentos que tratam da educação bilíngue, da aquisição da linguagem, da Libras e da escrita de sinais.

A pesquisa baseia-se na análise dos conceitos apresentados pela autora, Marianne Rossi Stumpf, especialmente no que se refere ao papel da escrita de sinais como instrumento pedagógico, à importância da língua de sinais como primeira língua da criança surda e às contribuições do sistema *SignWriting* para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Também são considerados aspectos relacionados à história da escrita de sinais, às experiências educacionais relatadas e às implicações desse sistema no contexto escolar.

Quanto aos procedimentos metodológicos, realizou-se inicialmente um levantamento bibliográfico sobre a temática da educação de surdos e da escrita de sinais. Em seguida, foi feita a leitura, seleção e análise dos materiais, buscando estabelecer relações entre os conceitos teóricos e a prática educacional. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, respeitando a perspectiva sociocultural da surdez e a abordagem bilíngue defendida pela autora.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilita uma compreensão aprofundada sobre a relevância da escrita de sinais no processo de aquisição da linguagem e na educação da criança surda, contribuindo para reflexões e propostas voltadas à melhoria das práticas pedagógicas inclusivas.

2 A CRIANÇA SURDA E A LÍNGUA DE SINAIS

Este capítulo discute a relação entre linguagem e desenvolvimento humano a partir da experiência da criança surda, assumindo a perspectiva sociocultural que reconhece a língua de sinais como condição essencial para a construção do pensamento, da identidade e da aprendizagem. Ao problematizar concepções históricas que associaram a surdez à incapacidade linguística, o texto evidencia a legitimidade das línguas de sinais e analisa como o acesso precoce à Libras constitui fator determinante para o desenvolvimento cognitivo, emocional e educacional. Para isso, aborda a surdez como diferença linguística e cultural, examina o papel do input visual, a participação ativa da criança no processo de aquisição da linguagem e os fundamentos linguísticos da Libras, defendendo-a como primeira língua da criança surda e base para sua plena inserção social e escolar.

2.1 A criança surda e a linguagem

A linguagem constitui um elemento central no desenvolvimento humano, sendo responsável pela organização do pensamento, pela interação social e pela construção da identidade do sujeito. No caso da criança surda, o acesso à linguagem assume um papel ainda mais determinante, pois envolve não apenas aspectos comunicativos, mas também questões culturais, cognitivas e educacionais. Compreender a relação entre a criança surda e a linguagem implica romper com concepções reducionistas que, historicamente, associaram a surdez à incapacidade linguística, desconsiderando a existência e a legitimidade das línguas de sinais.

Durante muito tempo, a educação da criança surda foi orientada por práticas que priorizavam a oralização e a adaptação à língua falada da maioria ouvinte. Esse modelo desconsiderava que a linguagem não se restringe à modalidade oral-auditiva, mas pode manifestar-se plenamente por meio de outras modalidades, como a visual-espacial. Conforme destaca Stumpf (2005), a exclusão da língua de sinais no processo educacional resultou em prejuízos significativos ao desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças surdas, comprometendo sua escolarização e participação social.

Assim, torna-se fundamental analisar a surdez sob uma perspectiva sociocultural e compreender a importância da língua de sinais para o desenvolvimento infantil da criança surda.

A mãe surda, trabalha sempre com atenção visual da criança surda e jamais inicia um jogo ou brincadeira até que a criança olhe para ela. Já, quando a mãe não é surda, é o bebê que tenta resolver, pelos seus próprios meios, o problema da comunicação: os bebês surdos de pais ouvintes, não expostos à língua de sinais desde o nascimento, começam a desenvolver gestos manuais para expressar seus pensamentos, desejos e necessidades. A criança não sofre por parte do meio de uma simples pressão exterior mas, pelo contrário, procura adaptar-se a ele. Portanto a experiência não é recepção, mas ação e construção progressiva. (STUMPF 2005, pág 30)

Diante do exposto, compreende-se que a relação entre a criança surda e a linguagem não pode ser analisada a partir de parâmetros centrados na oralidade, mas sim a partir do reconhecimento da língua de sinais como meio legítimo, natural e indispensável para seu desenvolvimento. A observação das interações iniciais, especialmente no contexto familiar, evidencia que a criança surda busca ativamente construir formas de comunicação e significação, reafirmando seu papel como sujeito ativo no processo linguístico.

Assim, ao compreender a surdez sob a perspectiva sociocultural, amplia-se a compreensão de que as possíveis dificuldades enfrentadas por essas crianças não decorrem de uma limitação inerente, mas da ausência de condições adequadas de acesso à linguagem, o que reforça a necessidade de práticas educativas e familiares que valorizem, desde cedo, a Libras como fundamento para o desenvolvimento pleno.

2.1.1 A surdez sob a perspectiva sociocultural

A perspectiva sociocultural da surdez representa uma ruptura com a visão tradicional médico-clínica, que compreendia a surdez exclusivamente como uma deficiência a ser corrigida. Nesse modelo, o foco estava na reabilitação auditiva e na oralização, desconsiderando as necessidades linguísticas e culturais dos surdos. De acordo com Stumpf (2005), essa abordagem contribuiu para a marginalização da língua de sinais e para o fracasso escolar de muitos alunos surdos.

Conforme Stumpf (2005), professor Doutor Carlos Skliar foi:

[...] o primeiro educador, entre nós, a propor uma nova abordagem para a surdez, substituindo a visão médico/clínica até então incontestada, que nos tratava como deficientes, pouco capazes, pela visão

sócio/antropológica/cultural que criou espaços para crescermos e assumirmos nossa diferença de forma consciente. (STUMPF, 2005, p. 18)

A partir dos avanços dos estudos linguísticos e culturais, a surdez passou a ser compreendida como uma diferença linguística e cultural, e não como uma limitação cognitiva. Nessa perspectiva, o surdo é reconhecido como pertencente a uma comunidade linguística específica, que compartilha uma língua própria a língua de sinais, valores culturais e formas particulares de interação social. Conforme afirma Stumpf (2005), o surdo politizado não se percebe como deficiente, mas como integrante de uma minoria linguística.

Essa mudança de paradigma possibilitou o reconhecimento das línguas de sinais como línguas legítimas, dotadas de estrutura gramatical própria e capazes de expressar qualquer tipo de pensamento humano. Estudos linguísticos citados por Stumpf (2005) demonstram que as línguas de sinais possuem níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos, assim como as línguas orais, o que reforça sua legitimidade enquanto sistemas linguísticos completos.

Sob a ótica sociocultural, as dificuldades enfrentadas pela criança surda no ambiente escolar não decorrem da surdez em si, mas da ausência de condições adequadas de acesso à linguagem. Vygotsky (apud STUMPF, 2005) destaca que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da mediação cultural, sendo a linguagem o principal instrumento dessa mediação. Quando a criança surda é privada de uma língua acessível, seu desenvolvimento é comprometido não por incapacidade, mas por privação linguística.

Dessa forma, compreender a surdez a partir da perspectiva sociocultural implica reconhecer a importância de práticas educacionais que valorizem a língua de sinais, a cultura surda e a identidade do sujeito surdo, garantindo-lhe pleno acesso à linguagem e ao conhecimento.

2.1.2 A importância da língua de sinais para o desenvolvimento infantil

A língua de sinais desempenha papel fundamental no desenvolvimento infantil da criança surda, pois constitui o meio mais natural e acessível para a aquisição da linguagem.

“A língua de sinais é a língua dentro da qual a criança se construirá enquanto indivíduo e nela será educada. Deverá ter acesso o mais cedo possível a ela,

pois o encontro da criança surda com sua língua de sinais marca o ponto de partida do reconhecimento de sua pessoa.” (STUMPF, 2005 pág. 111)

Quando a criança surda tem contato precoce com a língua de sinais, seu desenvolvimento linguístico ocorre de forma semelhante ao da criança ouvinte em relação à língua oral. Stumpf (2005) afirma que crianças surdas filhas de pais surdos, expostas à língua de sinais desde o nascimento, percorrem as mesmas etapas de aquisição da linguagem observadas em crianças ouvintes, como o balbúcio, a produção de sinais isolados e a combinação de sinais em estruturas mais complexas.

A língua de sinais não apenas permite a comunicação, mas também atua como base para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Segundo Vygotsky (*apud* STUMPF, 2005), é por meio da linguagem que o sujeito organiza o pensamento, internaliza conceitos e desenvolve habilidades cognitivas superiores. Para a criança surda, a língua de sinais cumpre essa função mediadora, possibilitando a construção de significados e a compreensão do mundo ao seu redor.

Além disso, a ausência de uma língua plenamente acessível nos primeiros anos de vida pode gerar atrasos significativos no desenvolvimento da criança surda. Stumpf (2005) destaca que a privação linguística precoce compromete a formação do pensamento abstrato, a interação social e o desempenho escolar. Esses prejuízos não são consequência direta da surdez, mas da negação do acesso à língua de sinais.

Outro aspecto relevante é o papel da língua de sinais na construção da identidade da criança surda. Ao aprender e utilizar a língua de sinais, a criança passa a reconhecer-se como pertencente a uma comunidade linguística, fortalecendo sua autoestima e seu sentimento de pertencimento. A língua de sinais, portanto, não se limita à função comunicativa, mas constitui um elemento central da identidade e da cultura surda.

Nesse sentido, garantir o acesso precoce e contínuo à língua de sinais é condição indispensável para o desenvolvimento integral da criança surda. A escola e a família desempenham papel fundamental nesse processo, ao criar ambientes linguísticos visualmente acessíveis que favoreçam a aquisição da linguagem e o sucesso educacional.

2.2 Aquisição de linguagem pela criança surda

A surdez foi historicamente tratada como uma deficiência a ser superada, com grande ênfase na busca pela oralização da criança surda. Durante séculos, a abordagem educacional para surdos foi voltada quase exclusivamente para a adaptação à língua oral, negando-lhes o direito de se expressar em sua língua natural – a língua de sinais. Esse enfoque oralista gerou um ambiente educacional que não favorecia o desenvolvimento pleno dos surdos, já que muitas escolas e métodos pedagógicos desconsideravam as necessidades linguísticas e cognitivas desses alunos.

Stumpf (2005) relata que o modelo educacional oralista, por não oferecer a língua de sinais como uma opção, impunha aos surdos um aprendizado forçado da língua falada, um processo que muitas vezes não resultava em uma comunicação efetiva.

Isso gerava um grande distanciamento entre os surdos e os conteúdos acadêmicos. A autora também enfatiza que a surdez, quando tratada a partir de uma visão sociocultural, não é encarada como uma deficiência, mas sim como uma condição linguística e cultural, com suas especificidades.

Segundo a visão sociocultural, a surdez não impede a criança de ser completamente capaz de desenvolver linguagem, pensamento e aprendizado, contanto que tenha acesso à sua língua natural – a língua de sinais. Nesse contexto, as comunidades surdas são reconhecidas por sua língua e cultura próprias. Vygotsky (apud Stumpf, 2005) destaca que as funções psicológicas superiores, como a linguagem, se desenvolvem através da interação social. Portanto, a criança surda deve ser entendida como parte de uma cultura própria, cujas formas de comunicação são igualmente válidas e ricas como qualquer outra forma linguística.

Esse modelo de compreensão da surdez reflete uma mudança paradigmática que, em muitos lugares, ainda está em processo de consolidação. Contudo, é fundamental que a surdez seja vista não como uma limitação, mas como uma diferença que, quando respeitada, propicia o desenvolvimento pleno da criança surda.

2.2.1 As diferenças entre aquisição da língua oral e da língua de sinais

A aquisição da linguagem pela criança surda é um processo que, embora compartilhe algumas semelhanças com a aquisição da língua oral, apresenta características distintas devido à modalidade linguística utilizada. A criança ouvinte adquire a língua oral através da audição, ao longo de uma interação com o ambiente em que está inserida, começando a falar por imitação dos sons ao seu redor. No entanto, no caso da criança surda, o processo é mediado pela visão, sendo a língua de sinais o canal pelo qual ela adquire e constrói o conhecimento linguístico.

Stumpf (2005) argumenta que a criança surda, quando exposta ao uso pleno da língua de sinais, segue um processo de aquisição linguística semelhante ao de crianças ouvintes em relação à língua oral. No entanto, para que esse processo ocorra de forma adequada, é fundamental que o surdo tenha acesso à língua de sinais desde o mais cedo possível, especialmente no contexto familiar e escolar. Caso contrário, a criança surda pode enfrentar dificuldades no desenvolvimento linguístico, o que, por sua vez, impacta em sua capacidade de aprendizagem acadêmica.

A autora ainda explica que, quando a criança surda não tem acesso a um meio visual de comunicação adequado (a língua de sinais), suas habilidades cognitivas e linguísticas ficam comprometidas, prejudicando seu desenvolvimento. A aquisição da língua de sinais não ocorre apenas de forma passiva, mas sim por meio da interação constante com o ambiente, em que a criança surda deve ser capaz de compreender, produzir e experimentar novos sinais.

2.2.2 O papel do *input* visual na aprendizagem

O papel do input linguístico é determinante no processo de aquisição da linguagem, e no caso da criança surda, esse input precisa ser visual. A língua de sinais oferece um sistema completo de comunicação visual que é acessível para a criança surda e permite o desenvolvimento de suas capacidades linguísticas.

A competência em língua de sinais por parte dos professores ouvintes, poucas vezes chega a ser necessária. Ela é uma língua completa, não uma pantomima. Tem sua gramática e é de caráter viso-espacial a qual os ouvintes não estão habituados. (Stumpf, 2005, pag. 23)

A interação visual constante com um ambiente que utiliza a língua de sinais possibilita à criança surda a construção de representações mentais adequadas para o desenvolvimento da linguagem.

Stumpf (2005) destaca que o input visual proporciona à criança surda a construção de conexões entre a linguagem e os objetos, ações e ideias que ela vivencia. Ao perceber, por meio dos sinais, o mundo ao seu redor, a criança começa a organizar seu pensamento de forma cada vez mais estruturada. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento de habilidades cognitivas como a memória, a atenção e a percepção.

O que distingue o surdo da criança ouvinte no processo de aquisição de linguagem é justamente a dependência do input visual. A autora observa que, ao contrário da criança ouvinte, que aprende a língua oral por meio de estímulos auditivos, a criança surda precisa de um ambiente visualmente rico para garantir que sua aprendizagem seja efetiva. A criação de um ambiente educacional acessível para a criança surda, que faça uso da língua de sinais de forma plena, é, portanto, essencial para garantir seu desenvolvimento linguístico e cognitivo.

2.2.3 A criança surda como sujeito ativo no processo linguístico

A criança surda não é um mero receptor de sinais ou de informações, mas sim um sujeito ativo em seu processo de aquisição linguística. Stumpf (2005) defende que a criança surda, ao ser exposta à língua de sinais, não apenas recebe os sinais, mas também os internaliza, adapta e utiliza para expressar seus próprios pensamentos, sentimentos e necessidades. Esse processo é descrito por Piaget (1970) como uma construção ativa do conhecimento, em que a criança interage com o meio e com os outros para desenvolver sua compreensão do mundo.

A autora explica que, ao aprender a língua de sinais, a criança surda participa ativamente do processo de construção do seu próprio conhecimento linguístico. Isso ocorre porque a língua de sinais não é apenas uma forma de comunicação, mas também uma maneira de organizar e refletir sobre o mundo. Nesse sentido, a criança surda, ao aprender a língua de sinais, está, simultaneamente, desenvolvendo sua capacidade de pensar, compreender e interagir com o mundo de forma reflexiva.

2.3 A Língua Brasileira de Sinais

Dando continuidade à compreensão da criança surda como sujeito ativo no processo de construção da linguagem, torna-se necessário aprofundar a discussão sobre a língua que viabiliza essa construção. Se é por meio da língua de sinais que a criança surda organiza o pensamento, interage socialmente e atribui sentidos ao mundo, é fundamental compreender a natureza dessa língua, sua estrutura e seu papel na constituição cognitiva, cultural e identitária do sujeito surdo.

Nesse contexto, a análise da Língua Brasileira de Sinais, Libras, revela-se indispensável para entender como essa língua, em sua complexidade linguística, sustenta o desenvolvimento integral da criança surda e fundamenta sua inserção social e educacional.

2.3.1 Conceito e Característica da Libras

A Língua Brasileira de Sinais, Libras, é a língua natural da comunidade surda no Brasil, caracterizada pela modalidade visual-espacial. Ao contrário da língua oral, que é produzida por meio do som, a Libras utiliza movimentos das mãos, expressões faciais e posicionamento do corpo para a transmissão de significados. A estrutura gramatical da Libras é única e independente da língua portuguesa, o que a torna uma língua plena e autônoma.

Stumpf (2005) explica que a Libras tem todas as características de uma língua natural, incluindo fonologia, morfologia e sintaxe, que permitem a expressão de pensamentos complexos e abstratos. A autora ainda salienta que, embora a Libras tenha sido historicamente desvalorizada e ignorada pelo sistema educacional, ela é uma língua que possui uma organização interna e regras que a tornam eficaz para o ensino e comunicação.

A Libras, como língua natural da comunidade surda, não é apenas um meio de comunicação, mas também um fator crucial para a construção da identidade surda. Por se tratar de uma língua visuoespacial, sua estrutura e funcionamento ocorrem no espaço visual, onde os sinais são produzidos e percebidos por meio das mãos, expressões faciais, movimentos corporais e da organização espacial. Ela é um dos

pilares da cultura surda, sendo utilizada em todas as esferas da vida social, cultural e acadêmica dessa comunidade.

2.3.2 Aspectos linguísticos da Libras

A Libras, assim como qualquer língua natural, possui uma estrutura complexa e organizada. A autora Stumpf (2005) detalha os aspectos linguísticos da Libras, que podem ser divididos em três principais áreas, sendo fonologia, morfologia e sintaxe.

Fonologia: refere-se às unidades básicas de sinalização, que incluem as configurações das mãos, movimentos, locais de articulação e orientações no espaço. A fonologia da Libras é responsável pela criação de distinções significativas entre sinais.

Morfologia: envolve o uso de diferentes formas de sinais para marcar conceitos como tempo, quantidade, intensidade e pluralidade. A morfologia de Libras também inclui o uso de classificadores e outras marcas gramaticais que conferem significado às palavras e frases.

Sintaxe: refere-se à organização dos sinais em frases e sentenças. A sintaxe da Libras segue regras próprias, como o uso do espaço para marcar a localização dos elementos da frase e a marcação de concordância nos verbos. A língua é estruturalmente rica e flexível, permitindo a expressão de pensamentos complexos e variados.

Esses três aspectos linguísticos formam a base da Libras, garantindo sua complexidade e capacidade de expressar uma gama ampla de significados.

2.3.3 A Libras como a primeira língua da criança surda

Para a criança surda, a Libras deve ser considerada a primeira língua, pois é ela que permitirá o desenvolvimento pleno das suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais. Stumpf (2005) defende que a Libras deve ser a língua inicial para a criança surda, pois ela proporciona a base sobre a qual a segunda língua (o português escrito) será aprendida. O aprendizado da língua portuguesa escrita,

embora fundamental, deve ocorrer de maneira secundária, uma vez que a criança surda já possui a base linguística da Libras.

A autora ainda destaca que, ao aprender a Libras como primeira língua, a criança surda pode desenvolver uma identidade surda forte e positiva, o que é essencial para seu bem-estar psicológico e emocional. Esse processo de aquisição da língua de sinais não apenas facilita o aprendizado acadêmico, mas também fortalece a autoestima da criança, permitindo-lhe uma comunicação plena com sua comunidade e com o mundo.

3 HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE SINAIS

A discussão que se segue parte do reconhecimento de que toda língua, para consolidar-se plenamente nos espaços sociais, culturais e acadêmicos, necessita também de formas de registro escrito. Se a língua de sinais constitui o meio pelo qual a criança surda organiza o pensamento, constrói conhecimentos e expressa sua identidade, torna-se coerente refletir sobre a possibilidade de representá-la graficamente.

Assim, este conjunto de itens introduz a reflexão sobre a história e o desenvolvimento da escrita de sinais, evidenciando como a ausência desse registro impactou a educação, a visibilidade cultural e a participação social da comunidade surda, ao mesmo tempo em que destaca a escrita de sinais como instrumento linguístico, pedagógico e político de valorização da Libras e da cultura surda.

3.1 A necessidade de uma escrita para a língua de sinais

A escrita sempre ocupou um papel central na organização das sociedades humanas, possibilitando o registro do conhecimento, da memória coletiva e das produções culturais. No entanto, historicamente, as línguas de sinais foram privadas de um sistema de escrita amplamente reconhecido e utilizado, o que contribuiu para sua marginalização no contexto educacional e acadêmico. Segundo Stumpf (2005), durante muito tempo prevaleceu a ideia de que apenas as línguas orais poderiam ser representadas graficamente, enquanto as línguas de sinais eram vistas como formas de comunicação restritas à oralidade visual.

Essa ausência de um sistema de escrita próprio impactou diretamente a educação da criança surda, especialmente no processo de alfabetização. A escola passou a exigir que o aluno surdo aprendesse a escrever em língua portuguesa, mesmo quando essa língua não correspondia à sua primeira língua. Stumpf (2005) ressalta que esse modelo desconsidera o princípio básico de que a alfabetização deve ocorrer, preferencialmente, na língua materna do sujeito.

Assim, a necessidade de uma escrita para as línguas de sinais surge da compreensão de que os surdos também precisam registrar sua língua, produzir textos, organizar o pensamento e acessar o conhecimento acadêmico a partir de sua própria estrutura linguística.

3.1.1 Limitações do uso exclusivo da escrita da Língua Portuguesa

A escrita constitui um dos principais instrumentos de organização social, cultural e educacional das sociedades humanas. Por meio dela, conhecimentos são registrados, transmitidos e preservados ao longo do tempo. No entanto, historicamente, esse direito não foi igualmente garantido a todos os grupos linguísticos. As línguas de sinais, apesar de amplamente utilizadas por comunidades surdas em diferentes países, permaneceram por muito tempo à margem dos sistemas formais de escrita, o que contribuiu para sua invisibilidade no campo educacional e acadêmico.

Stumpf (2005) destaca que a ausência de uma escrita própria para as línguas de sinais reforçou a ideia equivocada de que essas línguas seriam incompletas ou inferiores às línguas orais. Essa concepção influenciou diretamente as práticas educacionais, levando à imposição da escrita da língua oral como único meio legítimo de alfabetização da criança surda. Tal prática desconsidera que a escrita não é apenas um código gráfico, mas uma representação direta de uma língua, com sua estrutura, lógica e forma de organização próprias.

A necessidade de uma escrita para as línguas de sinais surge, portanto, do reconhecimento de que os surdos também produzem conhecimento, cultura e história em sua própria língua. Negar-lhes a possibilidade de registrar essa língua graficamente significa limitar sua participação plena na sociedade letrada e no espaço escolar.

3.1.2 A escrita e o registro da cultura surda

A escrita não é apenas um instrumento pedagógico, mas também um importante meio de preservação cultural. A ausência de um sistema de escrita para as línguas de sinais contribuiu para a invisibilidade da cultura surda ao longo da história. Stumpf (2005) destaca que a escrita permite registrar histórias, narrativas, poemas e experiências da comunidade surda, fortalecendo sua identidade cultural.

Sem um sistema de escrita próprio, grande parte da produção cultural surda permaneceu restrita à oralidade visual, dificultando sua disseminação e preservação ao longo do tempo. A escrita de sinais surge, portanto, como uma ferramenta essencial para o registro da memória coletiva da comunidade surda, possibilitando que suas produções sejam documentadas, estudadas e transmitidas às futuras gerações.

Nesse sentido, a escrita de sinais representa não apenas um avanço linguístico, mas também um ato político e cultural, ao reconhecer o direito dos surdos de escreverem em sua própria língua.

3.2 Breve história da escrita de sinais

Para compreender a consolidação da escrita de sinais como proposta linguística e pedagógica, é necessário revisitar as primeiras iniciativas de registro gráfico das línguas de sinais e os sistemas de notação que antecederam as propostas contemporâneas. Esses esforços iniciais, ainda que limitados em alcance e funcionalidade, revelam a tentativa de representar visualmente uma língua cuja modalidade desafia os padrões tradicionais de escrita.

Ao analisar essas experiências, torna-se possível entender como a evolução desses registros esteve diretamente ligada ao reconhecimento científico das línguas de sinais como línguas legítimas, abrindo caminho para a construção de sistemas de escrita mais acessíveis, coerentes com a modalidade visual-espacial e alinhados às necessidades educacionais e culturais da comunidade surda.

3.1.2 Primeiras tentativas de registro das línguas de sinais

As primeiras tentativas de registrar as línguas de sinais surgiram a partir do interesse de pesquisadores, linguistas e educadores em compreender a estrutura dessas línguas. Segundo Stumpf (2005), desde o século XIX existem registros gráficos que buscavam representar sinais por meio de desenhos, descrições escritas ou símbolos esquemáticos.

"A evolução da escrita, que está intimamente ligada ao processo civilizatório, não foi linear, houve mistura de muitos sistemas e variantes ao longo do tempo. [...] Os primeiros registros escritos são os pictogramas – desenhos que representavam analogicamente objetos e eventos. Seguiram-se os ideogramas ou logogramas – representações padronizadas que facilitavam o reconhecimento por um maior número de pessoas." (STUMPF, 2005 pág. 34)

No entanto, essas tentativas iniciais tinham caráter limitado, pois não eram desenvolvidas a partir da perspectiva dos próprios surdos, mas sim por ouvintes interessados em estudar ou ensinar a língua de sinais. Além disso, muitos desses registros não conseguiam representar adequadamente elementos essenciais das línguas de sinais, como o movimento e as expressões não manuais.

Stumpf (2005) observa que essas primeiras formas de notação não tinham como objetivo promover a alfabetização do surdo em sua própria língua, mas sim servir como apoio para professores ouvintes ou como instrumento de análise linguística.

3.2.2 Sistema de notação de sinais

Ao longo do tempo, diferentes sistemas de notação de sinais foram desenvolvidos, principalmente com fins acadêmicos. Esses sistemas buscavam representar os parâmetros das línguas de sinais, como configuração de mão, movimento e localização. No entanto, conforme destaca Stumpf (2005), a maioria desses sistemas era complexa, pouco intuitiva e de difícil utilização pelos próprios surdos.

Além disso, muitos sistemas de notação eram utilizados apenas em contextos científicos, sem aplicação pedagógica efetiva. Isso dificultava sua adoção no contexto escolar e afastava os alunos surdos do processo de escrita em língua de sinais.

Essas limitações evidenciaram a necessidade de um sistema de escrita que fosse funcional, acessível e capaz de ser utilizado tanto no papel quanto em meios digitais, atendendo às demandas educacionais e culturais da comunidade surda.

Já o reconhecimento das línguas de sinais como línguas legítimas foi um marco fundamental para o desenvolvimento de sistemas de escrita de sinais. De acordo com Stumpf (2005), esse reconhecimento ocorreu a partir de estudos linguísticos que comprovaram que as línguas de sinais possuem estrutura gramatical própria, complexa e independente das línguas orais.

A partir desse reconhecimento, tornou-se evidente que as línguas de sinais também deveriam possuir um sistema de escrita que respeitasse sua modalidade visual-espacial. Esse avanço contribuiu para a valorização da língua de sinais no contexto educacional e para o fortalecimento da proposta bilíngue na educação de surdos.

Assim, a escrita de sinais passa a ser compreendida como um direito linguístico dos surdos, e não apenas como um recurso pedagógico opcional. Trata-se do reconhecimento de que toda comunidade linguística tem o direito de registrar, produzir e preservar conhecimentos em sua própria língua, por meio de um sistema gráfico coerente com sua estrutura e modalidade.

Ao possibilitar que a língua de sinais seja escrita, amplia-se o acesso da pessoa surda aos espaços de produção acadêmica, cultural e educacional, fortalecendo sua autonomia intelectual e sua participação social. Além disso, a escrita de sinais contribui para a valorização da identidade surda, para o registro da memória coletiva e para a consolidação de práticas pedagógicas que respeitem a língua materna do aluno, promovendo uma alfabetização mais significativa e alinhada às suas necessidades linguísticas e cognitivas.

3.3 O Sistema *SignWriting*

É pertinente apresentar o *SignWriting* como um marco no desenvolvimento de um sistema de escrita efetivamente funcional para as línguas de sinais. Ao reunir princípios visuais coerentes com a modalidade gestual-espacial e possibilitar o uso autônomo pelos próprios surdos, esse sistema representa um avanço significativo em relação às tentativas anteriores de notação. Assim, a compreensão de sua origem, de

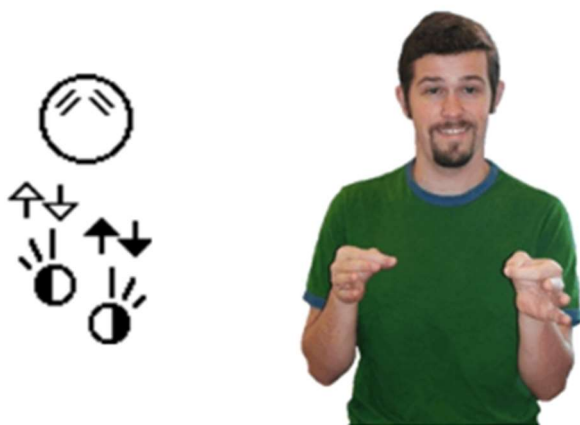
seus fundamentos e de suas aplicações pedagógicas permite evidenciar como a escrita de sinais, especialmente por meio do *SignWriting*, passa a ocupar lugar central nos processos de alfabetização, no desenvolvimento cognitivo e na valorização da língua materna da criança surda.

3.3.1 Origem do *SignWriting*

O sistema *SignWriting* foi criado por Valerie Sutton na década de 1970, inicialmente com o objetivo de registrar movimentos da dança. Posteriormente, o sistema foi adaptado para representar as línguas de sinais, tornando-se um dos sistemas de escrita de sinais mais completos e difundidos. Stumpf (2005) destaca que o *SignWriting* foi desenvolvido respeitando a lógica visual das línguas de sinais, o que facilitou sua compreensão e utilização pelos surdos.

Diferentemente de outros sistemas de notação, o *SignWriting* foi pensado para ser utilizado pelos próprios usuários da língua de sinais, permitindo a produção de textos em língua de sinais de forma autônoma.

Ele baseia-se em símbolos visuais, veja o exemplo abaixo:



Exemplos da escrita em SignWriting com base em padrões da palma da mão e dedos. Fonte: FROST, Adam / SignWriting.org. Disponível em:

<https://www.libras.com.br/signwriting>. Acesso em: 15 mar. 2026.

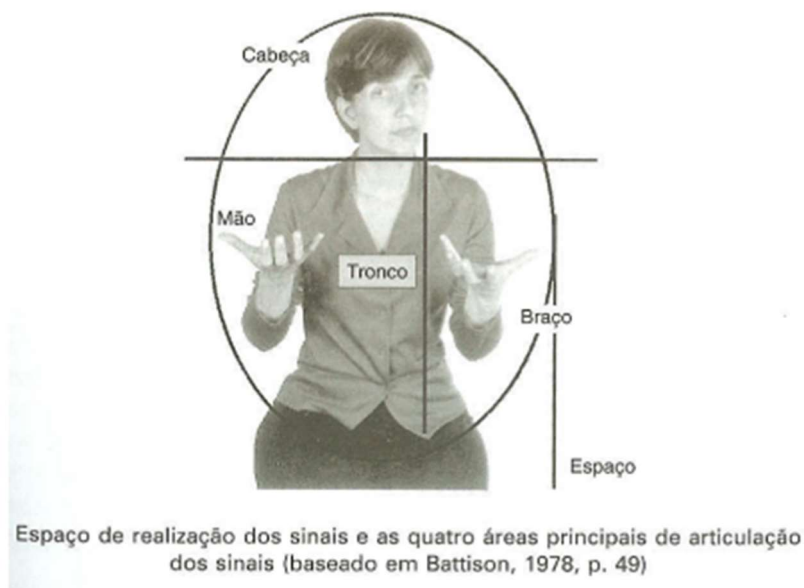
Eles representam os parâmetros dos sinais, como configuração das mãos, orientação, movimento e expressões faciais. Explicando melhor, eles são da seguinte forma:

Configuração de mão: refere-se à forma assumida pelas mãos durante a realização do sinal.



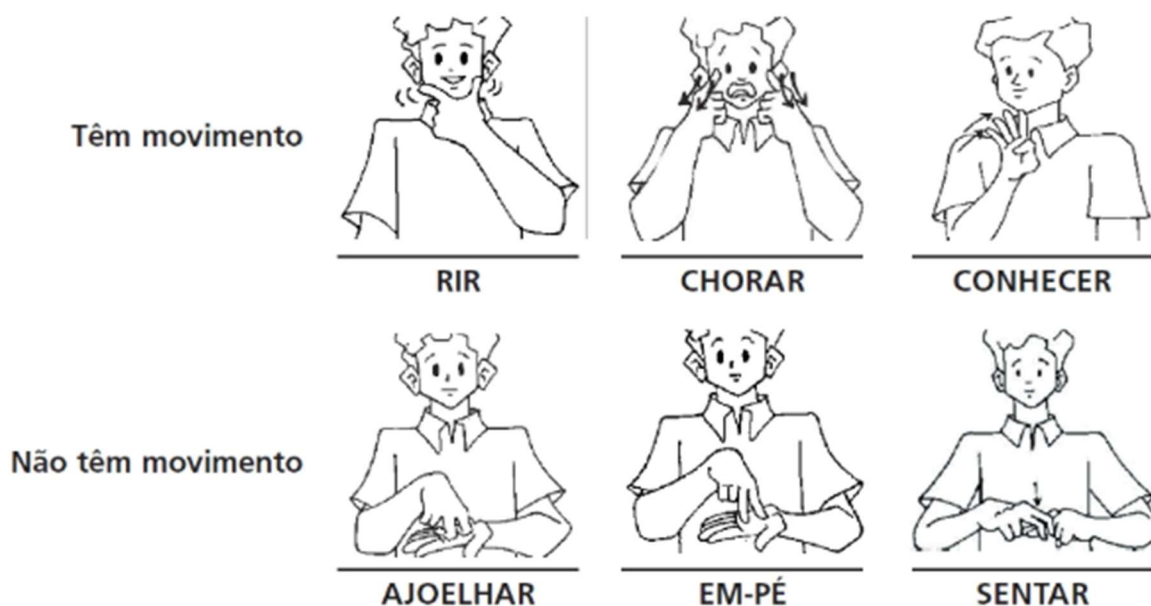
(QUADROS, KARNOPP, 2004, p.59)

Localização: corresponde ao ponto do corpo ou do espaço onde o sinal é realizado.



(QUADROS; KARNOPP, 2004, p.57)

Movimento: indica o deslocamento realizado pelas mãos durante a produção do sinal.



Fonte: Libras.com.br, adaptado de Cristiano (2018). Disponível em: <https://www.libras.com.br/os-cinco-parametros-da-libras>. Acesso em: 15 mar. 202

Além desses elementos, as expressões faciais e corporais também desempenham papel fundamental na construção do significado dos sinais. Essas expressões podem indicar aspectos gramaticais, como perguntas, negações e intensidades.

A combinação desses parâmetros permite a formação de diferentes sinais e estruturas linguísticas na língua de sinais, demonstrando que essa língua possui organização gramatical própria, assim como qualquer outra língua natural.

Compreender esses elementos é essencial para o desenvolvimento de práticas educacionais voltadas para a alfabetização de estudantes surdos, especialmente quando se discute a possibilidade de registrar graficamente essa língua por meio de sistemas de escrita de sinais.

Segundo Stumpf (2005, pag.51), o sistema permite a escrita bidimensional, respeitando a organização espacial típica das línguas de sinais.

Outro princípio fundamental do *SignWriting* é sua flexibilidade, pois pode ser utilizado tanto no papel quanto no computador. Isso amplia suas possibilidades de uso no contexto educacional, acadêmico e cultural.

Essa representação dos sinais por meio do SignWriting pode ocorrer de forma manuscrita ou digital. Stumpf (2005) relata experiências em que crianças surdas

utilizam o *SignWriting* para produzir textos, tanto em atividades escolares quanto em ambientes digitais, demonstrando compreensão da escrita e autonomia na produção textual.

O uso do computador potencializa o ensino da escrita de sinais, permitindo a edição, o armazenamento e a disseminação de textos em língua de sinais, ampliando o acesso ao conhecimento.

Para aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre a escrita de sinais, existem recursos digitais que auxiliam na produção e no estudo desse sistema de escrita. Um exemplo é o editor disponível na plataforma SignPuddle, que permite criar e organizar sinais utilizando o sistema SignWriting. Esse recurso pode ser acessado online por meio do link: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=12&sgn=46>.

Além disso, há também um acervo digital que reúne diversos materiais e textos já publicados sobre a escrita de sinais no Brasil, disponível no portal da SignWriting.org. Esse acervo pode ser consultado pelo endereço eletrônico: <https://www.signwriting.org/brazil/>.

3.3.2 Escrita sinais como instrumento pedagógico e alfabetização da criança surda

A escrita de sinais desempenha papel fundamental no processo de alfabetização da criança surda. Ao permitir que a criança escreva em sua própria língua, o *SignWriting* favorece a compreensão do conceito de escrita, da organização textual e da função social da linguagem escrita. Stumpf (2005) afirma que a criança surda, ao escrever em língua de sinais, demonstra maior envolvimento e interesse pelas atividades escolares.

Esse processo contribui para o desenvolvimento da leitura e da escrita de forma significativa, respeitando a língua materna do aluno.

A relação entre língua, escrita e pensamento é amplamente discutida por autores como Vygotsky, citado por Stumpf (2005). A escrita de sinais atua como mediadora do pensamento, permitindo que a criança surda organize ideias, reflita sobre a linguagem e desenvolva o pensamento abstrato.

Nesse sentido, a escrita de sinais não apenas registra a língua, mas também contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança surda, fortalecendo sua autonomia intelectual e sua participação no processo educacional.

4 ESCRITA DE SINAIS E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A reflexão que se inicia neste tópico parte do entendimento de que a aprendizagem escolar da criança surda está profundamente condicionada às formas de acesso que ela possui à linguagem no ambiente educativo. Se a língua de sinais constitui seu principal meio de organização do pensamento e de interação com o mundo, é coerente investigar de que maneira a escrita de sinais pode atuar como mediadora do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, este conjunto de itens busca analisar como a escrita em língua de sinais, especialmente por meio do *SignWriting*, contribui para o desenvolvimento cognitivo, para a produção textual e para a consolidação da proposta bilíngue na educação de surdos, evidenciando seu papel como instrumento pedagógico capaz de tornar a experiência escolar mais significativa, acessível e alinhada à realidade linguística da criança surda.

4.1 A escrita de sinais no desenvolvimento cognitivo

A aprendizagem escolar está diretamente relacionada ao acesso do aluno à linguagem e aos sistemas simbólicos utilizados no ambiente educacional. No caso da criança surda, quando a escola utiliza exclusivamente a língua portuguesa escrita como meio de ensino, muitas barreiras são impostas, pois essa língua não corresponde à sua língua materna. Nesse contexto, a escrita de sinais surge como uma alternativa pedagógica capaz de favorecer o processo de aprendizagem, respeitando a modalidade linguística visual-espacial da criança surda.

Stumpf (2005) afirma que:

Escrever deve ser uma atividade significativa para a criança. No caso da criança surda, a escrita fundamenta-se em sua competência na língua de sinais, sem precisar da intermediação da língua oral. A criança surda, quando em um ambiente onde ela e seus

colegas se comunicam em língua de sinais, efetivamente tenta escrever sinais, quando é incentivada a fazê-lo. (Stumpf, 2005, pag. 14)

Ao escrever em língua de sinais, a criança surda passa a compreender que a escrita não se limita à reprodução de palavras em português, mas que pode ser utilizada para expressar ideias, narrar experiências e organizar o pensamento.

A escrita de sinais, portanto, atua como mediadora do processo de aprendizagem, promovendo maior envolvimento do aluno nas atividades escolares e ampliando suas possibilidades de construção do conhecimento.

O desenvolvimento cognitivo da criança está intimamente relacionado à linguagem e à possibilidade de representação simbólica.

A análise das produções escritas em *SignWriting* evidencia que, ao escrever os sinais, a criança surda realiza um processo de análise e decomposição de sua própria língua, organizando graficamente elementos como configuração de mão, movimento, orientação e ponto de articulação. Esse processo favorece a reflexão linguística e contribui para o desenvolvimento do pensamento linguístico, possibilitando avanços na compreensão de estruturas cada vez mais elaboradas da língua de sinais (STUMPF, 2005).

Para a criança surda, a escrita de sinais desempenha um papel mediador ao possibilitar o registro visual de sua própria língua, favorecendo a internalização de conceitos e a reflexão sobre o próprio pensamento. Nesse sentido, segundo Stumpf (2005), o processo de escrita dos sinais exige que a criança observe e analise o sinal que realiza, identificando seus elementos constitutivos, como a configuração das mãos, o movimento, a orientação e o ponto de articulação.

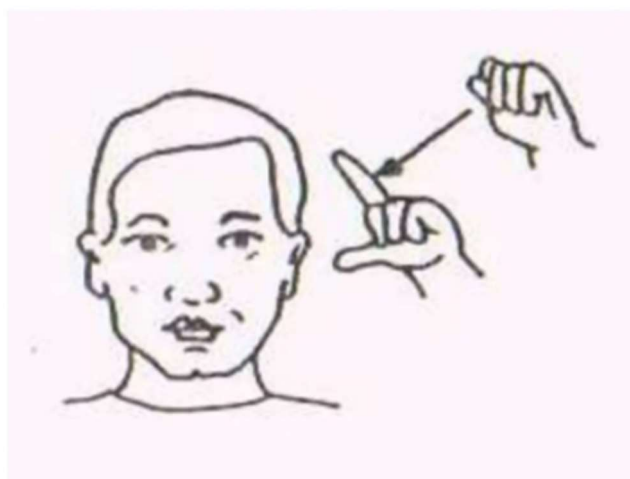
E ao utilizar o *SignWriting*, a criança surda demonstra avanços significativos na organização do pensamento e na compreensão de estruturas linguísticas mais complexas.

Além disso, a escrita de sinais contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual, pois possibilita que a criança registre conteúdos escolares, faça anotações e produza textos sem depender constantemente da mediação do professor ou de intérpretes. Esse processo fortalece a relação entre linguagem, pensamento e aprendizagem.

4.1.1 Produção de textos em língua de sinais

A produção textual constitui uma prática fundamental no processo educativo, pois possibilita ao aluno expressar ideias, sentimentos e conhecimentos. No entanto, para muitos alunos surdos, a produção de textos em língua portuguesa escrita representa um desafio significativo, sobretudo quando não possuem uma base linguística consolidada em sua primeira língua, a língua de sinais. Exemplo: O sol está quente. Em libras você fará os seguintes sinais: sol+ quente.

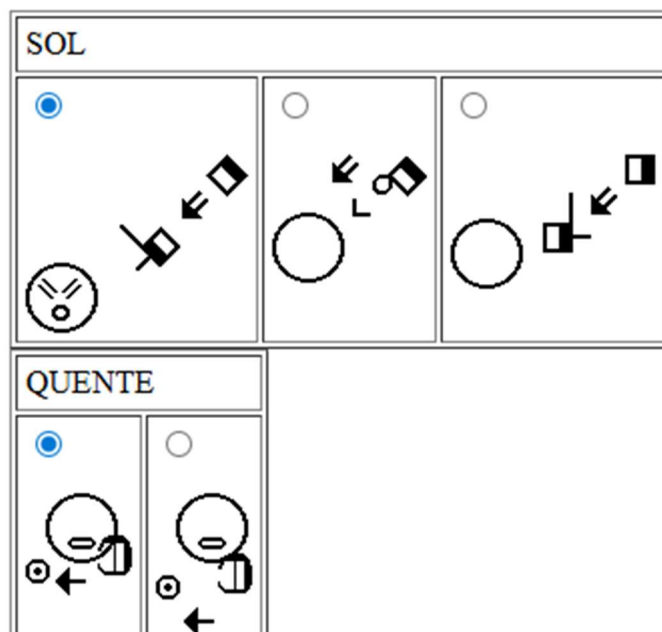
sol



Fonte: Escola Espaço Aberto (2024).



Fonte: Dutra (2015)



Fonte: SignPuddle Online (2026)

Ao analisar experiências com o uso do *SignWriting*, Stumpf (2005) demonstra que as crianças surdas são capazes de produzir registros escritos diretamente em língua de sinais, sem a necessidade de mediação por outra língua. Conforme afirma a autora, “no caso da criança surda, a escrita fundamenta-se em sua competência na língua de sinais, sem precisar da intermediação da língua oral” (pág.14). Essa possibilidade permite que o aluno escreva na mesma língua em que pensa e se comunica, favorecendo uma relação mais significativa com a escrita.

Nesse processo, a criança organiza graficamente os sinais de acordo com os parâmetros linguísticos da língua de sinais. Para Stumpf (2005), “para escrever os sinais, a criança precisa analisar o próprio sinal, decompondo-o em seus elementos constitutivos”, como configuração de mão, movimento, orientação e ponto de articulação. Tal análise favorece a reflexão linguística e contribui para a produção de textos com maior continuidade, sentido e organização interna, respeitando a estrutura gramatical própria da língua de sinais.

Segundo a autora, a produção de textos em língua de sinais contribui para o desenvolvimento da competência discursiva da criança surda, além de estimular a criatividade e a autoria. Ao escrever em sua própria língua, o aluno amplia a compreensão sobre a organização textual, o encadeamento de ideias e a função comunicativa da escrita, apropriando-se do ato de escrever como prática social significativa.

4.1.2 A escrita de sinais na educação bilíngue

A educação bilíngue para surdos fundamenta-se no princípio de que a criança surda deve adquirir a língua de sinais como primeira língua e, posteriormente, aprender a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua. Nesse modelo educacional, a escrita de sinais assume papel central, pois estabelece uma ponte entre a língua de sinais e o processo de alfabetização.

Stumpf (2005) ressalta que a escrita de sinais fortalece a proposta bilíngue ao permitir que a criança surda desenvolva habilidades de leitura e escrita inicialmente em sua língua materna. A autora afirma que “escrever deve ser uma atividade significativa para a criança” (STUMPF, 2005, pag.14), o que, no caso da criança surda, só se concretiza plenamente quando essa escrita está vinculada à sua língua natural.

Na perspectiva bilíngue, a Libras deve ser adquirida de forma plena e natural, pois é por meio dela que a criança surda desenvolve suas capacidades cognitivas e linguísticas. A língua portuguesa escrita, por sua vez, deve ser ensinada como segunda língua, respeitando o tempo e as particularidades linguísticas do aluno surdo. Nesse sentido, Stumpf (2005) enfatiza que as dificuldades enfrentadas pelos surdos na aprendizagem do português escrito não decorrem de limitações cognitivas, mas da ausência de uma base linguística sólida em língua de sinais.

Assim, a escrita de sinais não substitui o ensino da língua portuguesa, mas atua como suporte fundamental para sua aprendizagem. Ao compreender a estrutura de sua própria língua por meio da escrita de sinais, a criança surda desenvolve maior consciência linguística, o que favorece a aprendizagem de uma segunda língua. Stumpf (2005) observa que alunos surdos que utilizam o *SignWriting* demonstram maior compreensão dos textos escritos em português, pois conseguem estabelecer relações entre as duas línguas.

A escrita de sinais atua, portanto, como uma ponte entre a Libras e o português escrito, contribuindo para a ampliação do vocabulário e para a melhoria da produção textual. A inserção do *SignWriting* na prática escolar representa um avanço significativo para a educação de surdos, pois amplia as possibilidades pedagógicas e favorece a inclusão linguística.

Stumpf (2005) apresenta diversas experiências educacionais com crianças surdas utilizando o *SignWriting* e observa que os alunos demonstram maior interesse

pelas atividades de leitura e escrita quando podem utilizar a escrita de sinais. A criança surda, quando está inserida em um ambiente em que a língua de sinais é utilizada, tende a buscar representar graficamente os sinais, especialmente quando é incentivada a realizar esse tipo de registro, (STUMPF, 2005), evidenciando que o acesso a um sistema de escrita visual favorece o engajamento e a autonomia do aluno.

As experiências relatadas indicam que a escrita de sinais contribui para o desenvolvimento da autoestima, da identidade linguística e da participação ativa dos alunos surdos no ambiente escolar. Com o avanço das tecnologias digitais, ampliaram-se significativamente as possibilidades de uso da escrita de sinais, especialmente por meio de softwares específicos que permitem a produção de textos digitais em língua de sinais. Stumpf (2005) destaca que o uso do computador torna o aprendizado da escrita de sinais mais dinâmico e interativo.

O uso de recursos digitais favorece, ainda, a inclusão digital da criança surda, possibilitando o compartilhamento de textos, a edição de produções escritas e o acesso a materiais didáticos em língua de sinais. Dessa forma, o *SignWriting* contribui de modo significativo para a inclusão educacional da criança surda, garantindo o direito ao acesso à escrita em sua própria língua.

Segundo Stumpf (2005), a escrita de sinais fortalece a educação bilíngue, promove a valorização da Libras e contribui para a superação de práticas educacionais excludentes baseadas exclusivamente na língua oral. Assim, o *SignWriting* configura-se como uma ferramenta essencial para a construção de práticas pedagógicas inclusivas, equitativas e linguisticamente respeitadas.

4.2 Exemplos de *SignWriting*

Na imagem abaixo, vemos um exemplo da escrita realizada por um aluno surdo, em língua portuguesa:

<u>Trabalho</u> Eu idade 17 trabalhar mecanico. Eu trabalhar muito ganhar dinheiro. Eu ter cor carro cinza. Eu gosto muito menina bonita namorar. Eu feliz ver banca praça sentar cansado. Eu gosto muito beijar. Ter filho um menino. Ter casa cor branca grande Estados Unidos. Eu familia praia linda grande mar azul.	1. Trabalho 2. Eu idade 17 trabalhar mecanico. 3. Eu trabalhar muito ganhar dinheiro. 4. Eu ter cor carro cinza. 5. Eu gosto muito menina bonita namorar. 6. Eu feliz ver banca praça sentar cansado. 7. Eu gosto muito beijar! Ter filho um menina 8. Ter casa cor branca grande Estados Unidos. 9. Eu família praia linda grande mar azul.
--	--

Figura 1 – FIGURA 2 – Texto II – Produzido pelo aluno “R1” em 2005

Fonte: Manosso Streiechen, E.; Krause-Lemke, C. (2014, p. 971).

FIGURA 52: SINAL DE CASA

O aluno desenhou o sinal do papai já usando, em parte, o sistema de SignWriting.



Figura 2 – Sinal de Casa

Fonte: Stumpf (2005, p. 122)

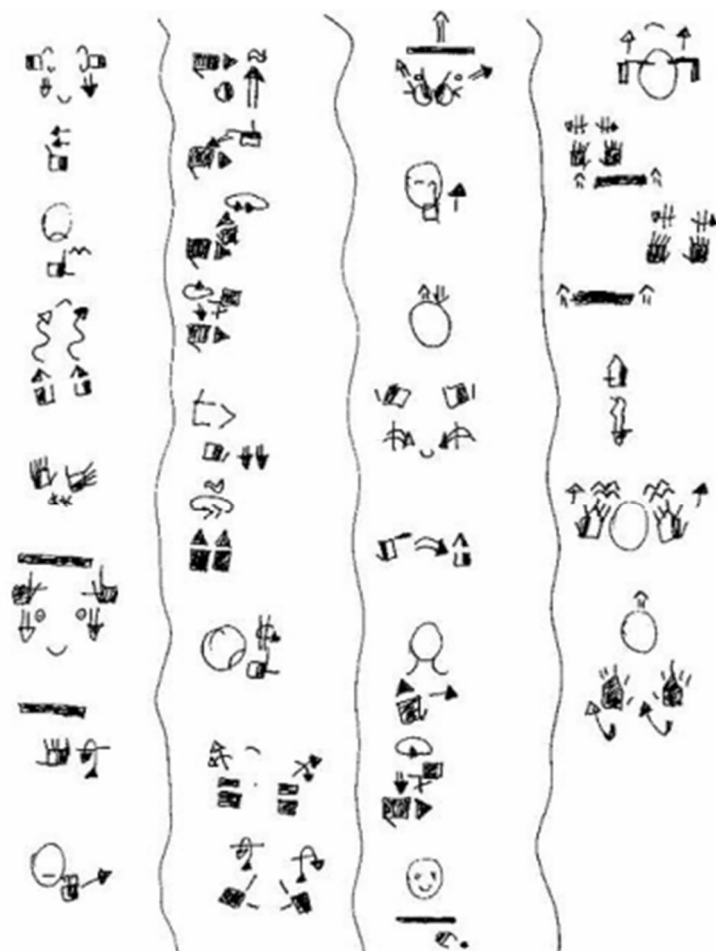


Figura 3 – Hino Nacional adaptado à Libras em *SignWriting* padrão
 Fonte: Stumpf (2008, p. 15)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que orientou este trabalho partiu da seguinte questão central: de que forma o acesso à língua de sinais e à sua escrita contribui para o desenvolvimento linguístico e para o processo de aprendizagem da criança surda no contexto da educação bilíngue? A partir desse questionamento, o estudo buscou analisar o papel da língua de sinais e, de modo específico, da escrita de sinais, como instrumentos mediadores do pensamento, da aprendizagem e da escolarização da criança surda.

Em relação ao objetivo geral, que consistiu em compreender a importância da língua de sinais e da escrita de sinais para o desenvolvimento da criança surda, os resultados do estudo indicam que o acesso a uma língua plenamente acessível desde os primeiros anos de vida é condição fundamental para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e educacional. Conforme discutido ao longo do trabalho, a língua de sinais não se configura apenas como um meio de comunicação, mas como base estruturante do pensamento e da interação social, permitindo à criança surda organizar suas experiências e atribuir sentido ao mundo.

No que se refere ao primeiro objetivo específico, que buscou analisar a relação entre a criança surda e a linguagem, o estudo evidenciou que as dificuldades historicamente atribuídas à surdez estão diretamente relacionadas à privação linguística e não à condição sensorial em si. A perspectiva sociocultural da surdez, discutida com base em Stumpf (2005), demonstra que, quando a criança surda tem acesso à língua de sinais em um ambiente linguístico rico, seu desenvolvimento ocorre de forma semelhante ao das crianças ouvintes em relação à língua oral. Dessa forma, o trabalho responde à problemática inicial ao reafirmar que o direito à linguagem é central para a aprendizagem e para o sucesso escolar da criança surda.

Quanto ao segundo objetivo específico, que se propôs a discutir a importância da Libras para o desenvolvimento infantil, o estudo confirmou que a Libras exerce papel fundamental na constituição do sujeito surdo. A língua de sinais atua como mediadora do desenvolvimento cognitivo e social, possibilitando a construção da identidade surda e a participação ativa da criança nas interações escolares. Nesse sentido, o trabalho evidencia que a educação bilíngue, ao reconhecer a Libras como

primeira língua, contribui para práticas pedagógicas mais coerentes com as especificidades linguísticas da criança surda.

No atendimento ao terceiro objetivo específico, que buscou compreender o processo de aquisição da linguagem pela criança surda, o estudo demonstrou que tal processo ocorre por meio da modalidade visual-espacial e depende da qualidade do *input* linguístico recebido. As reflexões apresentadas ao longo do trabalho indicam que a criança surda é capaz de adquirir a língua de sinais de forma natural, desde que inserida em contextos de interação significativos. Assim, a problemática inicial é retomada ao se constatar que as dificuldades educacionais não decorrem da surdez, mas da ausência de políticas e práticas que garantam o acesso precoce à língua de sinais.

Em relação ao quarto objetivo específico, que consistiu em analisar a escrita de sinais como instrumento de aprendizagem, os dados teóricos discutidos a partir de Stumpf (2005) indicam que o sistema *SignWriting* possibilita à criança surda registrar sua língua de maneira coerente com sua estrutura gramatical visual. A escrita de sinais permite que o aluno escreva na mesma língua em que sinaliza, favorecendo a organização do pensamento, a compreensão da função social da escrita e a produção de textos em língua de sinais. Importa destacar que o trabalho não afirma que o *SignWriting*, por si só, garante avanços automáticos na aprendizagem, mas evidencia que ele se configura como um recurso pedagógico significativo quando inserido em práticas bilíngues contextualizadas.

No que diz respeito à relação entre a escrita de sinais e o ensino da língua portuguesa, discutida ao longo do estudo, os argumentos apresentados indicam que o *SignWriting* não substitui a língua portuguesa escrita, mas pode atuar como suporte para sua aprendizagem. Ao fortalecer a base linguística da criança surda em sua primeira língua, a escrita de sinais contribui para a compreensão de textos e para o desenvolvimento da leitura e da escrita em português, aspecto que dialoga diretamente com a problemática inicial do trabalho.

Dessa forma, ao retomar a questão norteadora, conclui-se que o acesso à língua de sinais e à sua escrita constitui elemento essencial para o desenvolvimento linguístico e educacional da criança surda. O estudo evidencia que a escrita de sinais, especialmente o *SignWriting*, amplia as possibilidades pedagógicas no contexto da

educação bilíngue, favorecendo a autoria, a reflexão linguística e a participação ativa do aluno surdo no processo de aprendizagem.

Além disso, as reflexões desenvolvidas ao longo do estudo permitem compreender que muitas das dificuldades historicamente atribuídas à aprendizagem do aluno surdo têm origem na privação linguística precoce e na negação do acesso a uma língua plenamente acessível. Ao funcionar como ponte entre a Libras e a língua portuguesa escrita, o *SignWriting* amplia as possibilidades de aprendizagem, fortalece a consciência linguística do aluno e contribui para práticas pedagógicas verdadeiramente alinhadas aos princípios da educação bilíngue.

Nesse cenário, a escrita de sinais não se configura apenas como uma ferramenta didática, mas como um instrumento de reparação histórica, linguística e cultural, ao possibilitar que a criança surda registre sua língua, produza conhecimento e participe ativamente da cultura letrada a partir de sua própria estrutura linguística.

Por fim, este trabalho reafirma a necessidade de práticas educacionais que reconheçam a língua de sinais e sua escrita como direitos linguísticos da criança surda. Alinhar o ensino à perspectiva bilíngue significa não apenas garantir o acesso à Libras, mas também possibilitar que o aluno surdo leia e escreva em sua própria língua, fortalecendo sua identidade, sua autonomia e sua inserção no contexto escolar e social.

6 REFERÊNCIAS

STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting*: línguas de sinais no papel e no computador. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005.

MANOSSO STREIECHEN, E.; KRAUSE-LEMKE, C. Análise da produção escrita de surdos alfabetizados com proposta bilíngue: implicações para a prática pedagógica. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/qmLbFqKMTNf6DJ>>. Acesso em 07/02/2026.

STUMPF, M. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras Disciplina: Escrita de Sinais III. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.signwriting.org/archive/docs6/sw0569-BR-2008-Stumpf-ELSIII.pdf>>. Acesso em: 07/02/2026.

SKLIAR, Carlos. Org. 1997, Educação & exclusão: abordagem sócio-antropologias em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência da criança. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1970.

Fonte: Libras.com.br, adaptado de Cristiano (2018). Disponível em: <https://www.libras.com.br/os-cinco-parametros-da-libras>. Acesso em: 15 mar. 2026

SignWriting.org. SignWriting no Brasil. Disponível em: <https://www.signwriting.org/brazil/>. Acesso em: 15 mar. 2026

SignPuddle Online. Editor de escrita de sinais (SignWriting). Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=12&sgn=46>. Acesso em: 15 mar. 2026.

ESCOLA ESPAÇO ABERTO. Fenômenos da natureza em Libras – Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/fenomenos-natureza-em-libras-lingua-brasileira-de-sinais/269500736>. Acesso em: 15 mar. 2026

DUTRA, Renata. Antônimos. Ensine suas mãos a falar. 2015. Disponível em: https://ensinesuasmaosafalar.blogspot.com/2015/09/antonimos_99.html. Acesso em: 15 mar. 2026.

SIGNBANK. SignPuddle Online – dicionário de escrita de sinais (SignWriting). Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/translate.php?ui=12&sgn=46>. Acesso em: 15 mar. 2026.

OLIVEIRA FILHO, José; ALVES, Maria. Libras em suas modalidades: artefato linguístico da comunidade surda. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

ALVES, Maria; PAIXÃO, Ana. Estudos sobre a língua brasileira de sinais e cultura surda. 2018.